

Se depender das ruas, Dilma fica: militante não sofre de enfado jamais...

claudio_tognolli

Claudio Tognolli

6 de dezembro de 2015

“O bem que se faz é enterrado com os nossos ossos”

Trecho da peça Julio Cezar, de Shakespeare

Neste fim de semana os analistas políticos são unânimes em fixar: é a rua quem vai dizer se Dilma fica ou não, é a rua que vai determinar o resultado do impeachment.

Doa a quem doer a pergunta: quem é a rua? Não se sabe. A rua de hoje não é aquela que parou São Paulo pelo aumento de centavos na passagem de ônibus, em 2013.

A rua, por ora, é mais PT do que PMDB ou PSDB. Se depender da rua, Dilma fica.

O PT não aprendeu ainda ser governo: mas continua brilhantemente sendo oposição. Viram a pernada de anão que deram em Alckmin, na questão dos estudantes?

PSDB: são homens de punhos de cambraia, sabedores da arte apenas de conchavar em gabinetes.

PMDB: o PMDB agora comanda, via Temer, o que sempre soube fazer de melhor: a relação com prefeituras. É um dote velho dos pemedebistas.

Lembrem-se que Quércia foi quem inventou as frentes municipalistas. Elas fizeram do partido o mais forte do Brasil (Luiz Fernando de Souza, o Pezão, o mais novo arauto do municipalismo, vem de uma terra carioca de ninguém,

obscuro município de Pirai).

O PMDB aprendeu a resistir a ditadura e a gerenciar o poder depois que ela acabou. Irrigou a democracia dominando nos bairros, nos rincões.

Lembre-se: o PMDB saiu das eleições de 2014 como o maior partido do país em Estados administrados. Dispõe também do maior número de municípios e de parlamentares no Congresso Nacional; emplacou sete governadores, a maior quantidade entre as nove legendas que elegeram governantes no ano passado. Em 2012, lembre-se também, o PMDB fez o maior número de prefeitos (1.019 ao todo).

O PMDB dominou a superestrutura, a infraestrutura e , agora, a microestrutura.

Mas a microestrutura que o PMDB comanda não chega às ruas: chega até o gabinete do prefeito e do vereador, no máximo.

Os homens de que o PMDB dispõe para articular o impeachment, com Temer são Romero Jucá (que foi líder de governo sob Lula), Eliseu Padilha (deixou o governo para dar a cara a tapa, no lugar de Temer), Geddel Vieira Lima (foi ministro da integração nacional sob Lula) e Moreira Franco (demitido por Dilma no fim do primeiro mandato).

O PMDB carioca é pró Dilma: o prefeito Eduardo Paes e o governador Luiz Fernando Pezão são Dilmistas de carteirinha. O presidente carioca do PMDB, Jorge Picciani, esteve com Aécio nas eleições –mas Aécio Disney o tratou mal e Picciani pulou para o colo de Dilma. O líder do PMDB na Câmara e filho de Jorge, Leonardo Picciani, é confidente de Dilma.

Se depender das ruas, Dilma fica. No século 19 os franceses tinham um nome para o sentimento de enfado adocicado, a tomar conta hoje da cidadania brasileira. Era *oennui*. Que pode ser traduzido simplesmente como tédio. “Antes a barbárie do que o tédio”, berrava Théophile Gautier. “Os povos nômades e até os canibais, em virtude

de sua energia e dignidade pessoal, talvez sejam superiores às nossas raças do ocidente”, brandiu Baudelaire.

Sabem porque vivemos o nosso mais doce, fundo e compassivo *ennui*?

Porque em 2013 o Brasil parava pelo aumento de apenas vinte centavos: e hoje o Brasil entra em crise, por bilhões roubados, e ninguém está nem aí. Vivemos nosso *ennui* mais grave.

Sobram os militantes da rua: e nisso o PT é impagável, nos dois sentidos do termo...